

«**V**OCÊ VAI adorar o cachorro que escolhemos», disse a treinadora Sue McCahill ao cumprimentar Deborah Groeber, de 21 anos, na Guiding Eyes for the Blind (Olhos para os Cegos). «Este é ideal para você, se me permite dizer.»

Mas a excitação inicial de Deborah logo cedeu lugar à preocupação. Ao longo dos anos, esta estudante da Universidade da Pensilvânia tinha desenvolvido uma forte autoconfiança, mas, neste dia de agosto de 1987, percebeu que teria de se tornar dependente de um cão e te-

O par perfeito

Como uma amiga muito especial guiou esta jovem a uma nova vida.

ANITA BARTHOLOMEW



mia que estivesse perdido tudo aquilo por que havia lutado para conseguir sobreviver sozinha.

A mesma anomalia genética que havia deteriorado sua audição começava também, lentamente, a roubar-lhe a vista. Apesar de ainda conseguir distinguir movimentos, luz e cor, e ler nos lábios, se a pessoa estivesse perto, começara a tropeçar em obstáculos quando andava. Na hora do *rush* na Filadélfia, ela desceu de uma calçada e foi derrubada por um carro que não havia percebido. Por fim, teve de admitir que não era seguro sair sozinha.

Sue McCahill levou Deborah para a sala de estar da Guiding Eyes. Lá, encontrava-se uma *retriever* amarela da raça labrador, de 2 anos. Seu focinho irradiava doçura e inteligência. «O nome dela é Bonnie», disse a treinadora. «Chame por ela.»

«Bonnie, vem cá», disse Deborah com certa hesitação, e a cadela atravessou a sala correndo e abanando a cauda em expectativa. Cautelosamente, Deborah fez-lhe festinhas no dorso, mas franziu a testa.

«Deborah», perguntou Sue, surpresa de sua reação morna, «algum problema?»

«Ela é meio pequena, não é?», retrucou Deborah. Com 30 kg, o animal tinha apenas metade do tamanho de alguns dos machos maiores.

«Mas ela aprende depressa e é incansável no pior dos tráfegos», justificou Sue. Por isso, a treinadora tinha achado que ela seria o par perfeito para a ocupada e batalhadora estudante da Filadélfia. «E vocês fi-

cam lindas juntas», acrescentou, enquanto afagava o pêlo de Bonnie, quase do mesmo tom dos longos cabelos dourados de Deborah.

Mas as palavras encorajadoras de Sue gradualmente submergiram sob uma voz assustada que vinha de dentro da cabeça de Deborah: «Já não sou livre. Dependo deste animal e estou cega.»

Certa longínqua tarde, numa sala de aula em Cinnaminson, Nova Jersey, nunca se apagaria em sua memória. O professor se ausentara e a turma do 7.º ano começou a fazer barulho. Deborah afundou em sua carteira, tentando passar despercebida. «Qual é o caso, sua burra?», zombou um menino. «Não ouve quando alguém fala com você?»

Deborah procurou ignorar o sarcasmo sobre seu aparelho auditivo, esperando desesperadamente que o professor voltasse. Frustrado com sua recusa de lhe dar resposta, o menino acertou-lhe um murro no rosto. Com um som inesquecível, os óculos e nariz de Deborah se quebraram, e ela levou as mãos à cabeça, aterrorizada, sentindo o sangue. *Por que estão fazendo isto comigo?*

Mas sua raiva transformou-se em determinação. *Não preciso de nenhum de vocês*, pensou. *Não preciso de ninguém.*

GUIADA por Bonnie, Deborah seguiu seu caminho ao longo de uma rua apinhada de Nova York, passou por lojas de saldos, barulhentas lojas de discos e *delicatessen* de comidas étnicas.

«Algum problema, Deb?», perguntou-lhe Jonathan Schrauer, um treinador que trabalhara com ela.

«Não, tudo certo», respondeu apática.

Era um dia decisivo. Deborah tinha passado três semanas circulando pelas cidades suburbanas em volta de Yorktown Heights, estado de Nova York, onde fica a Guiding Eyes. Agora, o pandemônio das calçadas da cidade tanto a estimulava como intimidava.

Num meio-fio, Bonnie parou, como tinha sido treinada, mas quando Deborah ordenou «siga», a cadela continuou onde estava. Frustrada, Deborah virou-se para Jonathan.

«Você tem de deixá-la fazer seu trabalho», repreendeu-a suavemente, enquanto caminhões e carros voavam pelo asfalto, alguns quase subindo no passeio. «Eu sei que você consegue ver um pouco, mas ela vê mais.»

«Bom trabalho, garota», disse Deborah, fazendo mecânicas festinhas no animal. Gostasse ou não, fora sorte ela ter-lhe desobedecido.

Jonathan observava o par com preocupação. Bonnie fazia seu trabalho com perfeição, mas Deborah ainda se mostrava arredia em fiar-se na cadela. Ele sabia que tinha de aumentar sua confiança para o par poder funcionar.

A moça ainda sentia o aguilhão amargo que era precisar de um cão e achava difícil sentir verdadeiro afeto por um animal que era para os outros o símbolo de sua deficiência, mas sabia que tinha de ganhar o afe-

to dele, senão sua sociedade poderia fracassar.

O amor, lhe dissera seu treinador, era a única recompensa que os cães tinham. Assim, ela elogiava Bonnie e comprava-lhe brinquedos. Mas sempre que tentava brincar com ela, a cadela de algum modo sentia que a jovem não o fazia de coração.

«Vem, Bonnie, pega», dizia muitas noites, atirando longe uma bola de tênis. Bonnie a apanhava delicadamente com a boca, largava aos pés de Deborah e afastava-se, como que dizendo «Fim de papo.» Deborah sabia que tinha de se esforçar mais.

Com o tempo, a pequena *retriever* começou a demonstrar uma reação mais viva. Saltava atrás da bola como os outros cachorros. Depois, depositava-a aos pés de Deborah, esperando o próximo lançamento com os músculos tão retesados de expectativa que quase tremia.

A brincadeira rapidamente passou à rotina. Deborah simulava uma direção e atirava a bola para o outro lado, mas Bonnie não se deixava enganar. Saltava e virava-se para apanhar a bola em pleno ar. Para surpresa sua, Deborah viu que começava a gostar daquilo.

De volta à Filadélfia, matriculou-se no mestrado de Administração de Negócios da Wharton School. Com confiança renovada, esta estudante bem-dotada se adaptou com facilidade à agenda agitada que tinha de cumprir.

Sentia grande compulsão em provar que poderia ser bem-sucedida em qualquer coisa que uma pessoa

sem deficiências pudesse fazer. Com a ajuda de um circuito fechado de televisão que amplificava as letras para uma altura de 10 cm, mergulhou neste novo desafio com determinação. E agora, com a ajuda de Bonnie, podia ir a qualquer lugar sozinha.

Nesse verão, aceitou um trabalho numa empresa de tecnologia em Norwood, Massachusetts. Gostava do trabalho, mas não tinha amigos ali. Todas as manhãs chegava e sentava-se à sua mesa, com a cadela aos pés. Na hora do almoço, no refeitório, conversava com outros estagiários de verão, mas suas tentativas de fazer amizade eram ignoradas.

Uma noite, ao chegar em casa depois do emprego, mergulhou na escuridão de seu apartamento. Estendeu as mãos e tirou a coleira de Bonnie. A cadela abanou a cauda, satisfeita, e meteu a cabeça sob a mão de Deborah. Nesse momento, ela olhou para aquele animal brincalhão e deu-se conta de um novo sentimento de companheirismo. «Sabe uma coisa, Bon? Você e eu somos a nossa pequena família», disse.

No fim de 1989, Deborah acabara seu mestrado e conseguiu um emprego de analista financeira numa companhia nos arredores da Filadélfia. Bonnie estava sempre junto dela para guiá-la e ser sua companheira. Deborah já não pensava nela como um estigma de sua cegueira. Adorava o animal.

No outono de 1991, voltou à Guiding Eyes para uma festa de angariação de fundos. Ali, conheceu An-

thony Cirillo, um homem alto e tranquilo, com profundos olhos azuis e um sorriso que desarmava qualquer um. Há anos que a família de Anthony trabalhava como voluntária na organização. Ele também dava aulas de esqui para deficientes.

«Parece interessante», arriscou Deborah.

«Você podia aprender comigo», acrescentou Anthony.

Mas Deborah não estava assim tão segura disso. Como poderia fazer as descidas sem a ajuda de Bonnie? A resposta foi uma surpresa divertida. Algumas semanas mais tarde, já deslizava pelas colinas brancas do Norte do estado de Nova York com seu novo amigo.

No ano seguinte, a companhia de Anthony transferiu-o para o Extremo Oriente. Deborah iria sentir saudades dele, mas encorajou-o a aceitar essa oportunidade única. Também ela tinha tomado uma decisão importante: entrar para a Faculdade de Direito de Colúmbia. Seu objetivo era ajudar outros incapacitados que desejassem igualdade de oportunidades no local de trabalho. E também pensava em dedicar-se como voluntária na luta pelos direitos de educação das crianças deficientes.

Num dia de verão invulgarmente quente, em 1993, ela passava apresada pelos edifícios de tijolo e pedra da Faculdade de Direito de Colúmbia, desejosa de estudar um pouco antes de sua próxima aula. Num cruzamento, sua cadela virou-se em direção à casa. Deborah puxou-a pa-

ra trás. «Não, Bonnie. Eu disse à biblioteca.»

Mas Bonnie recusava-se a se mover. «Anda, Bon», disse Deborah com uma ponta de exasperação e deu-lhe outro puxão. Por fim, Bonnie aceitou, mas sem sua energia habitual.

Nessa noite, Deborah tirou-lhe a coleira e abraçou-a. «Estamos ficando um pouquinho rebeldes, não é?», brincou. «Não tenho jogado com você ultimamente. Que tal a gente brincar de esconder?»

Ao ouvir falar em brincadeiras, Bonnie normalmente começaria a pular pelo apartamento afora, mas, em vez disso, deitou-se com um resmungo cansado. Uma sombra de terror passou pela cabeça de Deborah. Sabia que tinha de chamar o veterinário na manhã seguinte.

O homem tinha falado de um problema, no outono anterior: artrite no quadril. Agora o problema era inegável. Depois de umas radiografias, ele receitou aspirinas e mandou as duas para casa.

Durante os três meses seguintes, Bonnie não demonstrou mais sua energia habitual. À mínima oportunidade, tentava levar Deborah para fora do *campus*, para casa.

Depois de observar as duas em conjunto, a treinadora comunicou notícias sombrias. «O problema não tem cura, Deborah. A Bonnie está ficando velha.»

«Ela só tem 8 anos!», protestou Deb, mas a treinadora sacudiu a cabeça. Para um cão-guia, que tem de trabalhar num ambiente urbano o dia inteiro, 8 anos era quase a idade

da aposentadoria. Sugeriu então que Deborah pedisse a seus pais que ficassem com a cadela. Depois, recomendou-lhe que se candidatasse a um novo animal.

Arrasada, Deborah recusou-se a aceitar o que a treinadora dissera. Aquilo fazia que a sua querida companheira parecesse um artigo descartável. Mas, ao repassar toda a conversa na cabeça, acabou admitindo que pelo menos uma coisa era verdade: Bonnie estava mesmo envelhecendo.

Era preciso falar com alguém, um amigo que realmente entendesse da coisa. A meio mundo de distância, o telefone de Anthony Cirillo tocou. Ao ouvir sua voz suave e profunda, Deborah soube que tinha telefonado à pessoa certa.

«Não sei o que fazer», confessou. «Você trabalhou na Guiding Eyes. O que é que fazem as pessoas em minha situação? A Bonnie não é apenas um cachorro. É parte de mim!»

Anthony deixou que Deborah despejasse toda a sua tristeza e temor. Depois, ponderou com suavidade: «Eu sei o quanto a Bonnie a ajudou, mas ela não pode ir além. Merece um descanso.»

Deborah sentiu sensatez e compaixão nas palavras de Anthony. Telefonou depois para a Guiding Eyes.

E a seguir chorou.

Um dia depois do Dia de Ação de Graças, em 1994, ela recebeu uma ligação. A Guiding Eyes tinha um grande labrador preto, de 2 anos, pronto para se adaptar à sua casa. Seu nome era Duncan, e chegaria a

seu apartamento com um treinador dali a cerca de dez dias.

Nesse fim de semana, Deborah pôs numa malinha as coisas de Bonnie, comprou sua comida favorita e preparou-se para dizer adeus à sua melhor amiga. No domingo, levou-a para a casa dos pais, em Cinnamonson.

A cadela conhecia bem essa sua nova morada, pois lá passara férias com os pais de Deborah. Agora, pela última vez, sua dona soltou-a da coleira, esfregou-lhe a cabeça e passou a mão por seu pêlo sedoso. Depois, deixou-a ir e ficou a vê-la afastar-se alegremente.

Na vez seguinte em que o animal voltou à casa de Deborah, esta se sentiu muito apreensiva. Ao cruzar a porta, a *retriever* amarela não parou de saltar, procurando com seu corpinho peludo qualquer gesto de saudação. Ao vê-la, os olhos de Deborah se encheram de lágrimas.

Bonnie mal parecia dar pela presença do outro cachorro. Mas não levou muito tempo para perceber que algo havia mudado. Quando Deborah pegou a coleira para levar Duncan a um passeio, Bonnie correu para tentar se enfiar nela.

Deborah sentiu um aperto no coração. «Como posso fazê-la enten-

der?» Os dois cães estavam lado a lado, ela, dourada, e ele, negro, prontos para servi-la. «Adoro você, Bonnie», disse Deborah, agarrando sua pequena cabeça, «mas chegou a hora de cada uma de nós seguir seu caminho.» E deu um leve empurrão na cadela.

«Bonnie, fica com a mamãe», disse com voz trêmula, enquanto a senhora a levava para longe.

«Você me ensinou que ser vulnerável não era problema; que eu podia confiar», gritava o coração de Deborah. «Ensinou-me a amar.»

Pouco tempo depois, Anthony Cirillo voltou da Ásia e a amizade entre os dois floresceu. Quando Deborah terminou seu curso de Direito, em maio de 1995, Anthony, os pais dela e Bonnie estavam presentes, e o leal Duncan a seu lado. Três meses depois, ocorreu outro acontecimento feliz: Deborah e Anthony casaram-se.

Hoje, ela é advogada trabalhista da firma Morgan, Lewis & Bockius, na Filadélfia. Também faz parte de um comitê presidencial de angariação de trabalho para deficientes.

Quanto a Bonnie, esta goza de uma feliz aposentadoria num casarão antigo com um grande jardim em Cinnamonson, Nova Jersey.

BONNIE E DEBORAH (FOTO TIRADA EM JUNHO DE 1996).
FOTO: © DE MICHAEL MALLIN/STOCK SHOP

Ditadura numérica

EMBORA nem sempre reconheça essa dependência, o homem moderno vive sob a tirania dos números.

— Nicholas Eberstadt, *The Tyranny of Numbers: Mismeasurement and Misrule* (AEI Press)